

## O CACHIMBO E A MNEMÓSINE: OFICINA DE HISTÓRIA E MEMÓRIA, ENTRE OS QUE PERGUNTAM E NARRAM.

Maria Isadora Leite Lima<sup>1</sup>  
Gabriel Emanuel Leite de Lima<sup>2</sup>  
Maria Leopoldina Dantas Máximo<sup>3</sup>  
Ravenna Rodrigues Cardoso<sup>4</sup>  
Sônia Meneses<sup>5</sup>

### RESUMO

Este trabalho busca mobilizar saberes em torno das discussões sobre História, Memória, lembrança e esquecimento, a partir da experiência da Oficina História e Memória, realizada na Escola de Ensino Fundamental Centro Educacional de Mauriti, desenvolvida a partir das disciplinas de História e Memória bem como, da disciplina de Estágio Supervisionado III que fazem parte da grade curricular do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Regional do Cariri. Desse modo, torna-se essencial refletirmos sobre os caminhos da História e da Memória e seu papel na contemporaneidade, a fim de desenvolvermos uma reflexão crítica capaz de transformar nossa vida prática, tendo em vista, a importância da formação de uma consciência histórica sensível às subjetividades e anseios de nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Memória; História; Oficina; Experiência.

### INTRODUÇÃO

Ditaduras; desastres nucleares; guerras. A sociedade contemporânea é marcada por processos históricos que assim como a onda de poeira radioativa que envolveu o planeta a partir da explosão nuclear de Tchernóbil permanece ativa em nossas relações. Todavia, tais fatos apresentam-se como fotografias, como um recorte do que deve ser lembrado ou esquecido. O dever da memória recai sobre as possibilidades de preservação das subjetividades dos sujeitos como também em ambientes de constantes disputas de poder, ao configurar-se como importante componente para a reflexão histórica.

Na relação que se estabelece entre História e memória recai ainda a formação da identidade, que se configura tanto nos processos individuais quanto coletivos. Para, além

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de História da Universidade Regional do Cariri – URCA/CE. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC (Funcap). [isadora77leite@gmail.com](mailto:isadora77leite@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Regional do Cariri (URCA). [gabrielemanuel1995@hotmail.com](mailto:gabrielemanuel1995@hotmail.com).

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de História da Universidade Regional do Cariri – URCA/CE. [leopoldina.desenho@gmail.com](mailto:leopoldina.desenho@gmail.com).

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de História da Universidade Regional do Cariri – URCA/CE. Bolsista do Centro de Documentação do Cariri - CEDOCC. [ravennacardoso21@gmail.com](mailto:ravennacardoso21@gmail.com).

<sup>5</sup> Professor orientador: Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professora adjunta da Universidade Regional do Cariri URCA. [sonia.meneses@gmail.com](mailto:sonia.meneses@gmail.com).

disto, a História nos convida a uma reflexão dessas experiências que envolvem a memória e a identidade, através da consciência histórica, “um trabalho necessário à vida prática”.

Mas afinal, quais os caminhos da Memória e sua relação com a História? Como estas operam? Como a memória enquanto produção de uma narrativa memorialística nos permite refletir sobre o papel da História e da memória para a formação da identidade e da consciência histórica? Este trabalho busca problematizar tais questões através de uma reflexão teórica em vistas de compreender a experiência da Oficina História e Memória realizada com os alunos da Escola de Ensino Fundamental Centro Educacional de Mauriti - CE.

## **METODOLOGIA**

Para a realização deste trabalho nos propuzemos a desenvolver uma metodologia em que pudéssemos mobilizar discussões em torno dos conceitos de História, memória, lembrança e esquecimento a fim de, a partir do espaço de experiência dos estudantes promovermos o diálogo sobre a construção da identidade individual e coletiva dos sujeitos. Para tanto, utilizamos o curta-metragem japonês *A Casa de Pequenos Cubinhos* (2008), que constrói sua narrativa por meio desses conceitos através de um universo lúdico em que o cotidiano da personagem principal é apresentado.

Dessa forma, estruturamos este trabalho em dois momentos: o primeiro de discussão teórica que fundamenta nosso estudo, a fim de desenvolvermos uma linguagem que se adeque a faixa etária dos alunos das turmas de 7º ano. O segundo momento configura-se na identificação e análise dos elementos que compõe o curta-metragem, buscando compreender e estabelecer relações com a construção da memória e seu papel na formação da identidade. Após a reflexão os alunos são convidados a produzirem uma narrativa oral memorialística e escrita da própria história de vida.

## **A MEMÓRIA É O ESCRIBA DA ALMA<sup>6</sup>: REFLETINDO SOBRE OS CAMINHOS DA MEMÓRIA E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA.**

Na mitologia grega Mnemósine representa a quinta titânide, filha de Gaia e Urano aos quais se atribui a criação do tempo e do espaço. “A Teogonia de Hesíodo que narra à origem da tradição grega”, apresenta-nos Mnemósine como aquela que tudo sabe, pois trata-

---

<sup>6</sup> ARISTÓTELES. Obras completas de Aristóteles. Trad. de Ana Maria Lóio. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2010.

se da própria personificação da memória e para além disto, é aquela que preserva o esquecimento. “A palavra grega prende-se ao verbo *mimnéskein*, que significa ‘lembrar-se de’” (ROSÁRIO, 2002, p. 1).

Mas o mito nos diz mais. Ele nos diz que um dos Titãs, Cronos, depois de destronar o pai despótico e instaurar um governo ainda mais despótico, é por sua vez destronado por seu filho Zeus num terrível combate. Para celebrar, Zeus unese durante nove noites consecutivas à Mnemósine, e desta união nascem nove filhas, as cantoras divinas que tinham por função primeira presidir as diversas formas do pensamento: sabedoria, eloquência, persuasão, história, matemática, astronomia. São as nove Musas e a palavra grega que as designa, como assinala Junito Brandão, talvez se relacione a um termo que significaria “fixar o espírito sobre uma idéia, uma arte”. Também à mesma família etimológica pertence a palavra “música” - o que concerne às Musas - e “museu” - o templo das Musas, onde elas residem ou onde alguém se adentra nas diversas artes. (ROSÁRIO, 2002, p. 1).

É, pois, nesse universo mitológico grego que Hesíodo inspirado pelos cantos das nove musas narra em sua rapsódia às memórias e a visão de mundo das primeiras comunidades gregas sobre seu mito de criação. À medida que Mnemósine através de suas filhas inspira Hesíodo na escrita dessa narrativa, conduz o poeta a transformar-se em intérprete “daquela que tudo sabe”, e como nos canta Hesíodo “inspiraram-me um canto divino para que eu glorieie o futuro e o passado” (ROSÁRIO, 2002, p. 2). Nesse sentido, ressalta Jacques Legoff em seu livro intitulado *História e Memória*:

Mnemosine, revelando ao poeta os segredos do passado, o introduz nos mistérios do além. A memória aparece então como um dom para iniciados e a anamnesis, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística. Também a memória joga um papel de primeiro plano nas doutrinas órficas e pitagóricas. Ela é o antídoto do Esquecimento. No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Letes, mas, pelo contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade. (LE GOFF, 1990, p. 231)

Desse modo, o mito de origem grego, toma a memória como figura principal, de tal forma que esta alegoria, pode apresentar-se também como possibilidade de reflexão sobre a concepção contemporânea de memória. Tendo em vista, a relação entre a memória, a lembrança, o esquecimento, a escrita e a História, em que pese um “intenso trabalho de construção e reconstrução das lembranças e das recordações passadas”, que constituem o aparato essencial para a construção da identidade. Sobre isto assinala Le Goff:

Mais do que nunca, são verdadeiras as palavras de Leroi-Gourhan: “A partir do *Homo sapiens*, a constituição de um aparato da memória social domina todos os problemas da evolução humana” [1964-65, p. 24]; e ainda: “A tradição é biologicamente tão indispensável à espécie humana como o condicionamento genético o é às sociedades de insetos: a sobrevivência étnica funda-se na rotina, o

diálogo que se estabelece suscita o equilíbrio entre rotina e progresso, simbolizando a rotina o capital necessário à sobrevivência do grupo, o progresso, a intervenção das inovações individuais para uma sobrevivência melhorada" [ibid.]. A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF, 1990, p. 249-250)

“A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 2), contudo, esta perpassa a coletividade que a insere numa narrativa que ao falar de si fala do outro. Nesse sentido, a memória “deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 2). Logo, quando percorremos os caminhos constitutivos da memória, somos convidados e mobilizados a uma reflexão que envolve outros aspectos da vida humana em suas relações políticas econômicas, sociais, culturais, no espaço e no tempo. Nessa perspectiva, escreve Pollak:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 2).

Michael Pollak ressalta ainda que, para além dos acontecimentos vividos a memória é constituída também de pessoas e lugares de memória. Destacando o caráter seletivo da memória, ou seja, “as duas faces da mesma moeda”, a da lembrança e a do esquecimento; sendo que a faculdade de esquecer constitui um dos fundamentos da existência da memória.

Enquanto que a lembrança em sua relação de retorno ao passado ressalta Beatriz Sarlo (2007) “nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente”, o lugar da lembrança configura-se no presente. Tendo em vista que,

Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é evocada. Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado se faz presente. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo da lembrança é o presente: isto é,

o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o *próprio*. (SARLO, 2007, p. 10)

Pollak destaca ainda a organização da memória e para além desta a “memória organizadíssima” que ele chama de memória nacional, que “constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo.” (POLLAK, 1992, p. 4). Sobre o caráter de organização da memória:

Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p. 4-5).

Tendo em vista, o trabalho da memória de seleção e organização das experiências do vivido e da lembrança que encontram no presente seu momento “libertador”, devemos considerar ainda a “memória herdada” que, para Pollak concebe uma estreita relação “entre memória e o sentimento de identidade”. Nessa perspectiva, escreve Pollak:

Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. [...] Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. [...] A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. (POLLAK, 1992, p. 5).

Nesta construção da identidade e sua relação com a memória é perceptível, portanto, “o confronto entre memória individual e a memória do outro”, que buscam gerar novos signos e significados.

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que

dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. (LE GOFF, 1990, p. 225)

Nesse contexto, é estabelecido um “passado conflituoso”, em que “nem sempre a História consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança.” (SARLO, 2007, p. 9).

Mas afinal, qual a relação que se estabelece entre História e Memória, dentro desse processo de lembrança e esquecimento, de identidade e de formação da consciência histórica? Quando operamos com tais conceitos, é válido para a reflexão que compreendamos que há diferenças entre eles. Os fatos da memória obedecem às tensões de grupos e identidades, que atuam a partir de redes de lembrança. A História busca fazer uma reflexão a cerca dessas memórias, pois necessita mais do que o referente da memória para desenvolver seu trabalho de construção do pensamento crítico. Sobre a relação entre História e memória, escreve Sarlo:

Estendido pelo uso a outros objetos históricos, o dever de memória induz uma relação afetiva, moral, com o passado, pouco compatível com o distanciamento e a busca de inteligibilidade que são o ofício do historiador. Essa atitude de deferência, de respeito congelado diante de alguns episódios dolorosos do passado, pode tornar menos compreensível, na esfera pública, a pesquisa que se alimenta de novas perguntas e hipóteses. Do lado da memória, parece-me descobrir a ausência da possibilidade de discussão e de confrontação crítica, traços que definiriam a tendência a impor uma visão passado. No meio século que vai do fim da Segunda Guerra Mundial até o presente, a memória ganhou em estatuto irrefutável. É certo que a memória pode ser um impulso moral da história e também uma de suas fontes, mas esses dois traços não suportam a exigência de uma verdade mais indiscutível que aquelas que é possível construir com – e a partir de – outros discursos. (SARLO, 2007, p. 43-44)

Ainda sobre a relação entre História e Memória destaca-se a escrita, que ao ser desenvolvida nas sociedades desde a antiguidade foi responsável pela inscrição destas em um novo processo de compreensão das relações e organização humana relacionadas à preservação da memória, assim como Hesíodo preserva do esquecimento os fatos narrados pelas musas ao receber destas o “dom” da escrita. Aqui intervém a “linguagem, ela própria produto da sociedade” (ibid) (LE GOFF, 1990, p. 224).

Ao aproximar a memória das linguagens, torna-se possível “a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato, uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas”. (LE GOFF, 1990, p. 224).

Destacando assim, a memória em sua capacidade de organizar-se através de uma linguagem de armazenamento própria; em que o trabalho da História também opera.

## **“A CASA DOS PEQUENOS CUBINHOS” E A EXPERIÊNCIA DA OFICINA DE HISTÓRIA E MEMÓRIA NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL CENTRO EDUCACIONAL DE MAURITI.**

Durante o processo de formação de professores destaca-se uma das etapas fundamentais para a consolidação do sujeito enquanto professor; nos referimos, pois, ao estágio, que possibilita ao graduando a oportunidade de refletir sobre as práticas, os métodos pedagógicos, sobre o espaço e funcionamento da escola, entendido como um “*bioma*” em que toda a comunidade escolar participa dessas vivências em seus desafios e possibilidades; compreendendo que a escola envolve um universo amplo de sentidos e significados; subjetivo ao mesmo tempo que institui sua organização através de normas que sistematizam seu funcionamento.

O estágio, portanto, nos possibilita um novo olhar, despertando-nos enquanto futuros professores de história para a análise e reflexão das experiências, saberes e práticas, bem como, para o poder transformador da educação e para a função social da História na formação da consciência histórica, partindo da didática da História que se constitui como ângulo no ensino de História.

Sobre a didática da História, escreve o historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen em seu livro *Aprendizagem Histórica – Fundamentos e Paradigmas*:

Ela incorporou a virada das ciências da educação para a teoria do currículo situou o ensino de história no âmbito do amplo contexto de um processo planejável de aprendizado e analisou os fatores principais desse processo que vão bem além da escola. A didática da história e os interesses dos alunos como tema essencial das reflexões didáticas; e ela tem, finalmente, como objeto principal, a consciência histórica e seu papel na vida prática humana. (RÜSEN, 2012, p. 70)

Durante a disciplina de Estágio III no curso de Licenciatura Plena em História na Universidade Regional do Cariri – URCA; somos convidados a para além, do estágio de observação, desenvolvermos com os alunos na escola em que ocorre o estágio uma oficina que mobilize saberes e reflexões em torno da disciplina de História.

Nesse sentido, a partir das discussões observadas durante as aulas optamos por escolher uma temática capaz de mobilizar nos alunos uma reflexão crítica a cerca dos

processos históricos que envolvem história e memória, lembrança e esquecimento, identidade e formação da consciência histórica. Em vistas de refletirmos sobre as relações estabelecidas na construção da memória e seu papel na formação da identidade.

A oficina foi realizada no dia 14 de Maio de 2019 com as turmas 7º Ano C e 7º H, na Escola de Ensino Fundamental Centro Educacional de Mauriti, que desenvolve seu trabalho com alunos das zonas urbana e rural da cidade de Mauriti - CE, além de se destacar por receber alunos com necessidades especiais no ensino regular. Desse modo, desenvolver uma metodologia sensível às subjetividades, a inclusão, capaz de mobilizar saberes reflexivos em torno da temática, configurou-se como o principal objetivo deste trabalho.

Inicialmente destacamos: os conceitos de História, memória, lembrança e esquecimento a fim de, a partir do espaço de experiência dos estudantes mobilizarmos a discussão em torno da temática, através de uma linguagem lúdica.

Nesse sentido, durante formulação da oficina ainda no ambiente da universidade, buscamos dialogar com alguns autores, em vistas de desenvolver o aparato teórico necessário a reflexão. Destacando autores como Beatriz Sarlo, Jacques Le Goff, Michael Pollak.

A oficina foi desenvolvida a partir da análise e reflexão do curta-metragem japonês *A casa dos Pequenos Cubinhos* (2008), sob direção de Kunio Katō, o curta foi premiado com o Oscar na categoria de Melhor Animação no ano de 2009, tornando-se um clássico.

A animação marcada pela sutileza, delicadeza e riqueza de detalhes “com traços simples, mas cuidadosos, tonalidades que variam do amarelo ao verde”, introduz o espectador no espaço de experiência de um velho senhor “corpulento, de rosto cansado e corcunda” que vive sozinho em uma cidade submersa pelo mar em que, “quanto mais à água sobe mais alta se torna sua casa em formato de cubos sobrepostos construídos pelo próprio morador”.

Ao deixar cair seu inseparável cachimbo que “despenca” para águas mais profundas, o velho senhor empreende um retorno às antigas estruturas de sua residência em busca de seu objeto perdido. Nesse momento da narrativa a personagem é confrontada por suas lembranças a cada espaço que visita. O lugar de memória evoca figuras através da lembrança apresentando suas experiências ao longo do tempo. A perda da esposa, o casamento e nascimento da filha, a construção da sua primeira casa com a esposa, o pedido de casamento, as brincadeiras de criança, os objetos, os cheiros, as comidas, as fotografias de família.

Em toda a produção é perceptível o diálogo com a memória. O cachimbo enquanto objeto de valor sentimental e insubstituível constitui-se como a mola propulsora

desse mergulho no “eu”, através dos caminhos da memória e do esquecimento. As antigas estruturas da casa evocam a lembrança soberana, que presentifica a experiência no passado, libertando-a. A alegoria estende-se ainda a outro elemento do curta, a água que pode ser entendida como o esquecimento, pois à medida que esta toma proporções maiores o velho senhor reduz a quantidade de objetos que leva consigo, deixando-os para trás.

Revelando que, ao empreender a ação do mergulho, a personagem retoma o que foi esquecido em uma ação reflexiva que o coloca diante de um novo cenário de reencontro de si, apresentando as cadeias de relação em que o sujeito está inserido, em que a memória sustenta-se nos lugares de memória, nas pessoas e nos objetos. No fim da narrativa, o velho senhor retorna não mais com o cachimbo, mas sim com uma taça, como que nos dizendo que mergulhar na memória configura-se como uma ação reflexiva de transformação que envolve subjetividades e sensibilidades, que promovem a formação da identidade e da consciência histórica.

Partindo da discussão gerada através da análise dos elementos que constituem o curta-metragem *A Casa dos Pequenos Cubinhos*, prosseguimos com a oficina, convidando os alunos a produzirem uma narrativa oral memorialística e escrita da própria história de vida de cada aluno, tendo em vista corroborar com o processo de construção de uma fonte escrita.

A atividade proposta coloca em evidência a narração da experiência e os discursos de memória, ou seja, uma produção que diz respeito aos modos de narração do passado, a exemplo, temos os diários, cartas, conselhos e orações. A escrita como já mencionamos anteriormente, permite a memória a inscrição em uma nova forma de operar, tornando-a capaz de ser armazenada, ao ultrapassar os limites físicos do nosso corpo. Sobre a narração da experiência destaca Beatriz Sarlo:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança. A narração também funda a temporalidade que a cada repetição e cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2007, p. 24 – 25)

Destaca-se nas narrativas dos alunos a temática da perda, da morte, da saudade, da separação; em que outros sujeitos como a família, os amigos desempenham papel importante na experiência e na construção de sentido. Nos relatos, é frequente ainda a apresentação do tempo, nas expressões: “primeira vez; nunca mais; para sempre”. Lugares como a praia,

balneários, a casa da avó, o sítio, constituem um importante elemento das produções, pois ao ressaltar tais lugares os estudantes constroem um sentimento de identidade a partir deles. Nessa sentido, ressalta Pollak em relação ao papel dos lugares para a memória:

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. (POLLAK, 1992, p. 2).

É interessante perceber que, em narrativas que envolvem a perda de um ente querido, por exemplo, os alunos destacam que tal memória “não é boa”. Uma memória que se relaciona ao trauma, o que nos permite penetrar no significado de tal experiência que é construída individualmente e coletivamente por meio do que lhes são sensível.

A memória e a História concebem, portanto, sua atividade a partir da vida prática, do ser e estar no mundo. Logo, a consciência histórica “aguça nosso olhar”, penetra em nossas sensibilidades evocando o pensamento crítico, em um constante confronto de ideias, signos e significados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea marcada pela síndrome de Funes<sup>7</sup> expressa em suas ações à incapacidade de pensar, ou seja, de refletir. Imediatista, contenta-se em promover uma visão obsoleta e de superação das coisas, em que pese o ostracismo e acúmulo de imagens, seguidores e *likes* (curtidas) na internet, objetos e notícias. Tal qual o “mundo abarrotado de Funes”, repleto de detalhes, quase imediatos, que não são de modo algum confrontados no processo de reflexão sobre nosso ser e estar no mundo, desenvolvendo nossa vida prática em gestos inúteis, pois em nada vale a memória e seus mecanismo de lembrança, esquecimento e experiência desvinculada dos processos de pensamento e reflexão, que empreende a História a fim de, formar nossa consciência histórica.

Este trabalho é, pois, fruto das reflexões geradas a partir das disciplinas História e Memória e Estágio III, culminando na realização da Oficina de História e Memória objetivando mobilizar saberes em torno da temática, a fim de, promover o pensamento

<sup>7</sup> (in Jorge Luis Borges: Prosa Completa, Barcelona: Ed. Bruguera, 1979, vol. 1., pgs. 477-484).

reflexivo dos estudantes, para que se percebam como agentes dos processos históricos, aproximando-os das operações que empreende a História ao relacionar-se com a Memória, de tal forma que para além da História dos grandes fatos voltem seu olhar para a construção de processos históricos que se realizam a partir dos indivíduos e suas subjetividades, no cotidiano e na vida prática configurando-se como potência transformadora de nossas ações.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999. V.2.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp Campinas, 1990.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200 – 212.

ROSARIO, Cláudia Cerqueira do. *O LUGAR MÍTICO DA MEMÓRIA*. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 01, número 01, 2002.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

## SITES

<https://www.itaucultural.org.br/entre-tempo-memoria-e-historia-se-constroem-as-narrativas-do-passado>

<https://www.planocritico.com/critica-a-casa-de-pequenos-cubinhos/>

<https://encenasaudemental.com/cinema-tv-e-literatura/a-casa-de-pequenos-cubinhos-solidao-memoria-e-devir/>